

REVISTA CINE

SEMANARIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA



N.º 155

50 CENTAVOS

ANO IX



Invicta Cine

SEMÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

«SINGRANDO CONTRA
TODAS AS PROCELAS»

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:
ROBERTO LINO

E

SOUTINHO D'OLIVEIRA
REDACOR PRINCIPAL
ALVES COSTA

ADMINISTRADOR:
JOAQUIM TEIXEIRA

PROPRIEDADE DA
EMPRESA INVICTA-CINE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
(PROVISORIAMENTE)
RUA DAS MUSAS, 45
PORTO (Portugal)

ANO IX

Numero 155

PORTO
6 DE FEVEREIRO
1932

COMPOSTO E IMPRESSO NA
TIP. EMPRESA GUEDES, LDA. - PORTO

REDACTORES:

LISBOA: Fernando Barros
— e Aguinaldo Machado —

PARIS: Daniel Maybon, Robert
— Gaillard e Maurice Hiléro —

NOVA-YORK: Artur Coelho

HOLLYWOOD: Olimpio Gui-
— lherme — — —

BERLIM: Simon Haimovici

VIENA: Fritz Miko

ROMENIA: Samuel Steinberg

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

VISITEM

as NOVAS INSTALAÇÕES da

RADIO-PORTO

na Av. Aliados, 156 a 162

O maior estabelecimento de
Radio-telefonía em Portugal

Nos bastidores de Hollywood

PORQUE se fala tanto das «estrelas»? Segundo a minha opinião, é muitíssimo mais interessante o imenso exército de pequenos artistas anónimos que vão até à Cidade do Filme, levados pela ambição e por espírito aventureiro. Refiro-me a esses quarenta milhares de figurantes de cinema, a que em Hollywood se chama, com certo cinismo, os «extras».

O extra é um ser cujo obscuro passado pode quasi sempre servir de assunto para um verdadeiro romance de aventuras. O seu presente é feito de desejo, nostalgia, esperança tenaz, dum êxito repentino. O seu futuro está confiado ao acaso, que reserva uma carreira deslumbrante a um só, e uma decepção amarga a mil outros que não conseguem triunfar.

É essa multidão de párias anónimos, que se mistura com algumas dezenas de vedetas favorecidas pela sorte, que dá a Hollywood o seu curioso aspecto. O luxo e o desespero vivem aqui próximos um do outro, duma maneira mais impressionante do que em qualquer outra parte.

Esta costa árida do Novo Continente, que a fantasia de um cérebro super-americano erigiu em Cidade do Filme, foi já, ha tempos, teatro de espectáculo análogo.

Não ha muito ainda, uma multidão do criminosos inveterados, de gente fora da lei, de cavalheiros de indústria, sem escrúpulos e de aventureiros sem eira nem beira, desembarcou aqui, nesta mesma costa, na esperança de encontrar, no seio da terra, a fonte suprema da felicidade: o metal amarelo.

O sonho grandioso que animava então todos esses rebuscadores de ouro é o mesmo que obseca hoje os viajantes do combóio de «Santa-Fé», que, em cinco dias e quatro noites, os transporta de Nova York a Hollywood—a mina da felicidade.

Foi essa multidão estranha, mesclada e profundamente trágica que me sugeriu a ideia do «A Ultima Ordem».

Esse filme nasceu da observação dos habitantes de Hollywood, oficiais austríacos, grão-duques russos, mulheres maravilhosamente belas, artistas na decadência, antigos capitães da industria. Todos eles esperam o acaso para fazer valer o seu talento desconhecido. Todos eles alimentam essa mesma esperança insensata: triunfar! fazer fortuna!

Hollywood é a terra dos aventureiros que não procuram senão um lucro fácil: das mulheres que, confiando na sua beleza, esperam, de braços cruzados, que a sorte lhes sorria; dos homens monstruosamente feios, porque a fealdade, como a beleza, é, em Hollywood, uma fonte de receita. Vêm-se aqui prodígios de obesidade e criaturas duma magreza esquelética, gigantes e anões, estropiados e enfermos. Para toda esta multidão a vida resume-se num só desejo: fazer-se notar, distinguir-se, estar pronto ao primeiro sinal do Acaso.

Enquanto a sorte lhes não sorri, habitam, como é natural, entre os extras, em Down-Town, onde todas as nações do mundo estão representadas.



Três belas máscaras do grande Emil Jannings



Down-Town possui o seu bairro russo, o chinês, o mexicano, é, enfim, uma verdadeira Torre de Babel moderna.

Os realizadores cinematográficos conhecem bem esse material humano, de onde se fornecem quando precisam. Assim, em «A Ultima Ordem» o exército de figurantes era composto de verdadeiros soldados da antiga Rússia. O papel de oficial era feito pelo general Trepoff, antigo guarda do corpo do Czar, cujo vencimento se elevava a sete dólares e meio por dia. Bastou apenas meia hora para recrutar os mil russos necessários para o filme.

Nesse imenso reservatório de quarenta mil seres humanos, pode-se encontrar tudo. Supunhamos que se precisa dum estropiado de ambas as pernas. Basta telefonar para a agência de colocação e o problema está resolvido. É só o tempo de consultar o ficheiro dos aleijados.

Uma outra especialidade é a dos «duplos». É o privilégio dos que têm a sorte de se parecer com uma vedeta. A sua função consiste em substituir a figura principal nas cenas perigosas. Por vinte ou vinte e cinco dólares, um desses «duplos» salta, por exemplo, dum auto a grande velocidade, de uma locomotiva em marcha ou de um quarto andar.

Sobre o reinado do filme mudo, cerca de metade de todo este exército de extras, conseguia empregar-se. Depois do advento do cinema falado, diminuíram consideravelmente as possibilidades de trabalho, e a miséria entrou na Cidade do Filme. Felizmente, todos eles se contentam com pouco, quando as circunstâncias o exigem. Para os pobres, a vida é barata em Hollywood. O leite, o pão e as laranjas—que ali se encontram em grande quantidade—constituem muitas vezes, durante longas semanas, o único alimento dos extras. A carne é um luxo que se pode dispensar numa região quente.

As habitações de Down-Town são mais que modestas. Os sórdidos compartimentos em que se alojam os extras, são indignos do nome de quartos. Um leito que, de dia, desaparece na parede, uma mesita e duas cadeiras, são todo o mobiliário. Felizmente, o clima é tão suave, que é ao ar livre que se passa a maior parte do dia.

(Conclui na pág. 14.)

"HOLLYWOOD," ■■■

L. S. Marinho, jornalista brasileiro, que durante alguns anos residiu na Cinelândia, regressado recentemente ao Rio de Janeiro, lançou à luz da publicidade um interessante livro, o qual intitulou *Hollywood*.

Vão a seguir algumas passagens dessa curiosa publicação:

«No pensamento e no coração, o amor passa a ocupar lugar secundário.

Entra também em larga dose a excessiva liberdade da mulher americana, o coeficiente máximo na causa do divórcio.

As teorias divergem sobre bases falsas.

Mas o factor computado jámais vem à baila, porque não existe a ideia de que a demasiada liberdade, aos olhos do estrangeiro, seja causa preponderante desse cancro que se alastra pela sociedade americana.

Está fora da plausibilidade o fazer regra geral,

Mas a calamidade a que tem atingido o divórcio recentemente, envolvido em banalidades de toda a jaez, é tão grande e tão acurada e tão profusa, que a sinceridade do sentimento não pode fazer parte integrante nessa questão.

Casados hoje.

Divorciados amanhã.

Que tem?

Então, o chamado «amor à primeira vista» tem o poder do divórcio dentro de todo a futilidade.

Esses vêm na vanguarda.

São casados primordialmente na imaginação...

Só não posso compreender um bem casado como George Bancroft, dizer que a mulher americana não se preocupa com a questão de sexo.



Joan Crawford e seu marido
Douglas Fairbanks Jnr.

Convenhamos.

Mas, se o sensualismo não é a causa mórbida do divórcio, onde procurar os atenuantes para a anomalia? Notoriedade?

Não existe sentido óbvio para essa anormalidade. Nem nos casos de adultério.

■ ■

Hollywood, em si, é sinónimo de discórdia — é mulher.

Talvez seja esse o motivo porque os sexos andam em detrimimento entre si. A luta dos sexos na capital do Filme é a maior batalha que a sociedade e a moral tentam conquistar para seu gaudío, e que jámais conquistarão.

As circunstâncias, não permitindo possibilidade alguma, jámais chegarão a um mútuo acôrdo.

Cada mulher é uma tentação e cada tentação um

divórcio. O carácter resiste por conveniência pública e muitos se consideram divorciados moralmente.

Nessa luta, os factores que a determinaram são mais preponderantes.

A tensão nervosa, a excitação mental, a tentação da carne, a ansia de vencer e chegar à perfeição em seus trabalhos, são estíletes que se chocam uns contra os outros.

A luta é perene durante os dias e mais dias de filmagens, e que às vezes terminam levando os dois à borda do abismo — seja do casamento, que é mais fácil; seja do divórcio, que os advogados espertam, maquinam. E vencem...

Assim sucedeu a Edwina Booth e Duncan Renaldo, durante a filmagem de *Trader Horn* nos sertões africanos. E assim tem sucedido a muitos deles, em idênticas condições sem precisarmos ir tão longe.

Dentro de Hollywood...

As filmagens em locação, a solidão dos ambientes, despertam cobiça e enfraquecem sentimentos...

Os dias passam. A solidão enerva. A tentação anda volteando na atmosfera dos desejos. Então...

Um dia tudo é esquecido...

■ ■

Joan Crawford tem as mais belas teorias sobre o amor, através da publicidade. Pessoalmente disse algumas, as quais, mentalmente, comparando à sua vida de casada, pareciam que andavam em paralelos.



John Barrymore
e sua mulher Dolores Costello

■ ■ ■ "HOLLYWOOD,"

Foram teorias, contudo.

Joan, muito sensatamente, acha que o «amor não pode ser definido. Quem o fará? Por fantasia, muito bem, bordando o sentimento com o palavriado meloso e imaginário, pode ser. Logicamente, não.»

E disse mais: «Lutar pela vaidade da glória, não é tão estimulante como lutar pela satisfação e admiração de alguém que se ama.»

Como Joan Crawford é inteligente, tem sabido até hoje manter com orgulho a sua atitude sobre o amor.

Jeanette Loff, Raquel Torres, Olive Borden, Thelma Todd, Alice White e outras, diziam-me teorias banais. Teorias falsas. Era razoável.

Não queria exigir muito sobre essa teoria, onde a vulgaridade e a mentira imperavam com pavor.



Edwina Booth
a intérprete de «Trader Horn»

■ ■ ■
... Consideremos a harmonia de sua vida, onde senti-

mos a sinceridade do seu afecto, o nectar da sua felicidade e a comunhão de mútua compreensão que poderão existir nos seus lares e nos seus espíritos.

Não são Harold Lloyd e Mildred Davis bem casados? Um dos poucos casamentos de amor? Não são também felizes Norma Shearer e Irvin Thalberg? Mary Pickford e Douglas Fairbanks? E estes últimos, já estão dando tratos à maledicência, pelos anos que vivem juntos e felizes (?). Ha quem diga que a sua felicidade anda beirando o abismo do divórcio...

Vilma Banky e Rod La Rocque não são o exemplo da sinceridade e do amor? George Bancroft? George Fawcett? Johnny Mack Brown? Fay Wray? Não o era Lon Chaney? Milton Sills? Eleonor Boardman não tem sido a amada de King Vidor? Von Stroheim? Edmund Lowe e Lillyan Tashman?

No entanto, se estes artistas, sem causa de honra, chegarem à borda do divórcio, creio que se pode perder a crença em qualquer casamento entre artistas de Cinema.

Compreendo que não ha romance bastante eficaz para impedir a vitória do divórcio. O seu estigma já está diluindo a sua união, antes que ela seja efectuada.

A calamidade está quasi atingindo o auge.

E quando atingir...

■ ■ ■

A sociedade e a moral ficarão cognominadas de intrusas na vontade humana.

Abandonemos a ideia de qualquer pretensão em

profetizar o futuro. Mas, quem não previa os divórcios de Jocelyn Lee, Loretta Young e John Gilbert?

Não será exagêro dizer-se que em Hollywood todo o casamento é prognosticado com um provável divórcio.

O casamento nos Estados-Unidos é uma instituição perigosa. A facilidade do divórcio, dando azo a contrair novas núpcias, é outra instituição análoga à antecedente.

Na Califórnia, a lei não permite que os divorciados contraiam novos casamentos senão depois de um ano. Um longo celibatário para quem vive navegando no Oceano da tentação.

Outros Estados oferecem mais margens para futuros casais, porque eles vivem em detrimento com a divergência das leis. Assim, os casais pretendentes a divórcio e vice-versa, vivem especulando lograr as leis que servem de barreira ao seu sentimento feito à máquina.

A Califórnia está perdendo a freguezia com o seu «um ano» de puritanismo...

Agora, todo o país está correndo para a cidade de Reno, no Estado de Nevada, onde, com seis semanas de residência e gastando fortunas em casas de jogos legalizados, esperam a comutação da sua ambição de liberdade, resolvida em seis minutos. Nesse lugar, a média dos divórcios é um em cada três minutos... Um juiz ha pouco retirado da luta (?), contando um pouco menos de vinte anos de tribunal, vangloria-se de ter feito mais de vinte mil divórcios...

Um negócio da China...

A felicidade não é encontrada em outros lugares.

Outros Estados, compreendendo o grande mal causado pela facilidade do divórcio em Nevada, estão à procura de solução para as suas leis.....

E' esta a felicidade que se procura «instituir» nas fronteiras da Califórnia com o México.»



Harold Lloyd
e a sua inseparavel «cara metade»

FITAS FALADAS...

FOI NO CARNAVAL Há precisamente um ano, estive

para publicar uma revista cinematográfica, moderna, original, com estupidez e tudo, que seria impressa a duas côres, em papel *couché* especial, um papel plissado a que vulgarmente chamam *higiênico*.

Queria preencher uma lacuna — como dizem todos os jornais no fundo do primeiro número. Para isso tratei de arranjar capitalista; pedi orçamentos nas tipografias; procurei colaboradores; enfim, tratei de tudo o que era necessário.

Mas — é infalível — em obras como esta, cujo fim é apenas ser útil há humanidade — coitada! — aparece sempre um pária a empatar-nos o caminho.

Calhou-me, nesta tarefa, ter que aturar um *maduro* que, à viva força, queria ser o correspondente do meu jornal em Hollywood.

E apresentava-me provas das suas habilitações jornalísticas, cada vez que me via.



Uma vez apareceu-me em casa com um monte de cartões de recomendação, e, antes que eu o mandasse ao *Tabú* — filme que nos mostra não serem só as cinéfilas civilizadas que tratam as unhas e as sobrancelhas — continuou com a conversa de sempre: — ... entrevistas, fotografias exclusivas, tudo eu arranjava, e, além disso, como tenho bossa para aldrabão havia de fazer reportagens sensacionais — a propósito, lê esta reportagem que aqui trago, escrita ontem à noite numa das mesas da Chic,

e que pode ser publicada, agora, pelo carnaval. E deu-me uma meia dúzia de linguados, que comecei a lêr: «A Greta Garbo pediu-me na véspera que me apresentasse mascarado, «à moda do meu país», para irmos fazer um assalto. Combinado, apresentei-me ao outro dia, vestido de fadista, com guitarra, naifa e tudo.

Ia num grupo enorme. O Pamplinas, que era o chefe, depois de se certificar que não faltava ninguém, ordenou a marcha.

A Greta Garbo não me largava, constando até que estava apaixonada por mim.

Depois de termos andado uma centena de metros, parámos em frente a um elegante *bungalow*. Como era noite não o conheci. A Greta Garbo disse-me que era o *home* do Ramon Novarro, mas eu não acreditei. Podia lá ser o Ramon Novarro ter um *home*! Havia de ter a sua graça!

Mas o assalto fez-se, e o certo é que quando vi um vulto a ensaboar roupa certifiquei-me que era ali o... o... o *bungalow* do Ramon Novarro.

Finda a leitura, o meu amigo perguntou-me se gostava. Disse-lhe que sim, estava bom para publicar, e eu estava disposto a sair com a revista, mas precisava de vinte escudos para ir, num taxi, avisar o capitalista. E pedi-lhe o dinheiro emprestado.

Desde então nunca mais vi o meu correspondente em Hollywood.

Remédio santo! Aproveitem-no que não levo nada pela receita.

Douglas Faz ... banks.

B O N U S

AGUIA D'OURO
PASSOS MANUEL
O L Y M P I A
O D E O N

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE
pelas Ex.^{mas} Empresas dos Cinemas:

50 % de desconto em todos os lugares na
matinée do dia 13 de Fevereiro de 1932.

50 % de desconto em todos os lugares na
matinée do dia 11 de Fevereiro de 1932.

50 % de desconto em todos os lugares nas
matinéas dos dias 11 ou 13 de Fev. de 1932.

50 % de desconto nos lugares de Fau-
teuilles e Balcão no dia 13 de Fev. de 1932.



DANSA

*Ensino teórico
— e prático —*

Peixoto Guimarães

Rua Mártires da Liberdade, 240

PORTO

3:000 Flores



numa caixinha

Um só traço imperceptível de

Perfume compacto «Guéneaux»

envolver-vos-há durante todo o dia dum perfume agradável e duradouro.

Preço de cada caixinha, 10\$00

Perfumes: Muguet, Cravo, Chypre, Rosa, Lilás, Violeta, Origan. Exclusivo:

Perfumes «Guéneaux»

Rua 31 de Janeiro, 150-1.º — PORTO

Um pleito curioso Nos tribunais francezes vai ser julgado um processo curioso e interessante, sob o ponto de vista artístico: trata-se de saber se uma representação teatral é analoga ao cinema falante.

Rosemond Gérard, viuva do famoso poeta Edmundo Rostand, e seus filhos, cederam, em 1928, a Maurice Lehmann, o privilegio exclusivo das excursões teatrais, em língua francesa, de «L'Aiglon» tendo reservado para eles o di-

reito de adaptação cinematográfica desta peça. Nestas condições, a filmes «Osso», obteve a autorização de fazer de «L'Aiglon» um filme sonoro e falante, filme êste que já correu nas nossas telas. Lehmann, alegando que os herdeiros de Rostand não tinham o direito de fazer o que fizeram, pois quem vir o fonofilm não assiste à representação da peça teatral, o que bastante o prejudica, pede uma indemnização de um milhão de francos.

A sentença ainda não foi pronunciada.



JACKIE COOPER, com sete anos de idade, o já famoso astro da Metro-Goldwyn-Mayer, experimenta a sua boa estrêla nas complicações da máquina de escrever

UNDERWOOD,

astro mais brilhante no firmamento das máquinas de escrever.

**U
N
D
E
R
W
O
O
D**

A **Underwood** dá um tom de elegancia e distinção ao seu possuidor.

Agente Geral: CARLOS DUNKEL — Rua do Bomjardim, 81 — PORTO

TELEFONE: 1013

Os grandes ordenados no cinema

A artista mais bem paga do mundo

A crise mundial, que ameaça todos os ramos da actividade e que contraria todas as possibilidades seja em que terreno fôr, assediou tambem a indústria de filmes, vendo-se obrigados os produtores a agir com cautela, para que os prejuizos não se façam sentir mais fortemente.

As medidas tomadas em meados do ano passado, com o fim de opôr uma barreira aos prejuizos, foram as mais severas até então aparecidas no mundo cinematográfico.

Para iniciar, estabeleceu-se numa convenção realizada, que nenhuma inovação seria introduzida no terreno dos filmes. Já bastavam os «talkies», que vieram revolucionar completamente a «maneira» cinematográfica e resolveram pôr de lado os problemas das três dimensões, do magnoscópio e de outras coisas semelhantes. Depois, os produtores voltaram

a sua atenção para os artistas. Havia alguns que ganhavam enormes fortunas...

Começou a política de ileminação, conservando unicamente os «astros» que, pelo seu nome, fôssem verdadeiros atractivos de bilheteira, pondo de lado todos os outros que, ganhando muito, não davam a justa compensação às importâncias dispendidas. A «Paramount» foi a primeira a iniciar a ofensiva.

De uma só vez despediu Mary Brian, Jean Arthur, George Bancroft e muitos outros. Passou a procurar artistas novos, os quais não exigiam grandes importâncias, ou então a contratar outros conforme os filmes a realizar.

Esta medida de economia foi seguida, embora não tão rapidamente, por outras casas produtoras.

A situação, por conseguinte, é bastante anormal, procurando as empresas limitar as suas

despezas; e não obstante este facto, ha uma artista que, por uma semana de trabalho, ganha uma quantia fabulosa, superior de longe ao que ganha uma Jeanette Mac Donald, um Ramon Novarro ou uma Greta Garbo.

— Quem será essa felizarda? — perguntarão Vocês.

E' Constance Bennett, que os nossos cinéfilos mal conhecem mas que possui uns olhos encantadores, um sorriso atraente, um corpo de Venus e que ganha novecentos contos em sete dias, sendo disputadíssima pelas empresas norte-americanas. Ultimamente, terminou o filme «Comprada» para a Warner-First.

Esta artista trabalha actualmente para a RKO.

J. A. T.



CONSTANCE BENNETT

Abandonando : as fileiras :

Leatrice Joy, ex-esposa de John Gilbert, e uma das boas artistas no tempo do silencioso, contraiu matrimonio com William Spencer Hooly Jr., comerciante de Los Angeles.

Leatrice, no momento de partir para uma longa viagem de núpcias, declarou que se retirava definitivamente do cinema.

UM POUCO DA VIDA DE MADGE EVANS

MADGE EVANS, apenas com vinte e dois anos de idade, já conseguiu acumular nesse curto período de tempo uma carreira completa, pois já chegou ao apogeu da sua profissão.

Esta encantadora jovem de olhos azulados e voz suave, foi estrêla quando ainda menina e actualmente está mais uma vez no caminho do firmamento estrelado. E tudo isto na idade em que a maioria das jovens começam a perguntar a si próprias o que farão da sua vida durante os anos que têm na sua frente.

Evans, iniciou a sua carreira quando tinha onze anos de idade, por mera casualidade. Ninguém na família Evans jãmais tinha sonhado que Madge chegasse a ser artista... e ela ainda muito menos. Jãmais havia representado em teatros, a não ser em festas escolares e em algumas *matinées* infantis.

A família Evans compunha-se de pai, mãe, Madge o seu irmão Tom, dois anos mais velho do que ela. Moravam num espaçoso apartamento em Nova York, onde a vida de Madge não era nada diferente da de qualquer outra menina da sua idade.

Mas sucedeu que, certo dia, o realizador Emil Chautard viu Madge. Ele conhecia a família Evans e quando necessitou duma menina para fazer um papel num dos seus filmes, pediu aos pais da graciosa Madge que a deixassem interpretar um papel na sua próxima produção. A família Evans ficou orgulhosa em saber que a sua filha ia aparecer na tela.

Tom passou o dia inteiro na escola contando aos seus colegas o grande acontecimento. O rapazinho não cabia em si de contente... pois era o único que tinha uma «irmã no cinema».

Madge foi então aos studios da «World Film Company», com o seu bom amigo o director, afim de interpretar uma das personagens de «Sudden Riches» em que Robert Warwick teve o principal papel. Mas quando terminou este filme, Evans não voltou à rotina do seu lar. A companhia reteve-a para filmar outra película. A esta se seguiu outra e outra. Madge havia cativado o público.

«As minhas recordações desses studios — disse Madge Evans — são um tanto vagas. Nunca me detive para analisar os métodos e maquinarias. Posso lembrar-me só dumas luzes azuis que davam às mãos e ao rosto uma côr porpura esverdeada. As máquinas cinematográficas sempre me fascinaram. Quando eu comparo as máquinas e cenários daqueles tempos com os cenários modernos, parece-me impossível que sirvam para o mesmo fim.»

Quando Madge fêz onze anos, Mrs. Evans decidiu que havia chegado para sua filha o momento de abandonar tudo aquilo, isto é os studios, a fascinação da popularidade, as emoções da vida de artista — e ir para um colégio como tãdas as meninas da sua idade. Imaginem uma pessoa retirar-se à vida privada com a idade de onze anos.

Como sua mãe desejava, Madge voltou para a escola a quebrar a cabeça sôbre os livros, e alguns anos depois estava pronta para entrar na universidade. A família começou a considerar a conveniência de que a jovem seguisse uma profissão. Mas Madge queria ser artista... E assim foi que a família confrontou o problema mais difícil com que esbarrou desde aquele dia em que Emil Chautard pedira licença a Mrs. Evans



MADGE EVANS

para que Madge trabalhasse no cinema. Afim de tirar tais ideias da cabeça de sua filha, a bõa Mrs. Evans levou-a para a Europa em viagem de recreio.

Seis meses depois, Madge regressou a Nova York, trazendo no funço da sua mala, um lindo vestido que adquirira em Paris para estrear numa certa ocasião. Um dia, depois do seu regresso, a jovem pôs o vestido que tinha trazido especialmente para esta ocasião e dirigiu-se aos escritórios de William A. Brady, que fõra chefe da «World Company», quando trabalhava naquele estudio.

Brady lembrava-se perfeitamente da jovem, e prometeu ajudá-la em tudo o que fõsse preciso. Madge saiu do seu escritório munida com cartas de recomendação... e, um mês depois, estava ensaiando «Daisy May», num dos teatros de Nova York.

Desde esse tempo ficou trabalhando nos teatros de Broadway por quatro anos, e foi então que a Metro-Goldwyn-Mayer lhe ofereceu um contrato para filmar películas em Hollywood.

Madge amava Broadway, e vacilou antes de abandoná-la, mas o cinema atraía-a.

(Continua na pág. 13)

Escuta...

compra as
sedas, lãs,
peles e
botoes

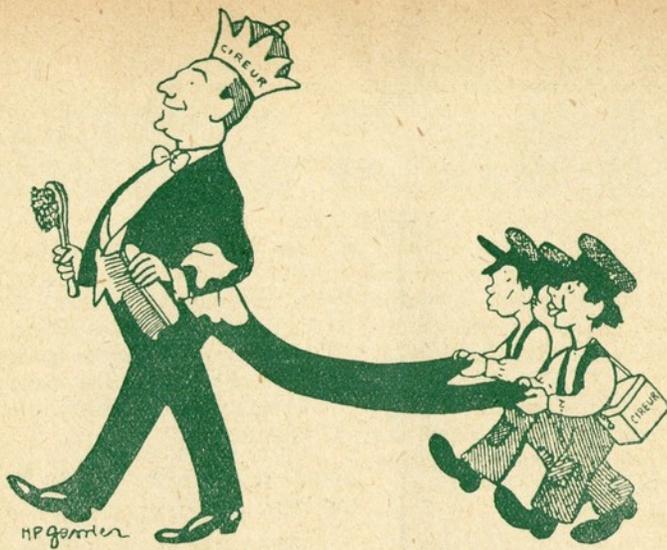
n'a

CENTRAL
DOS
LOIOS

11-LOIOS-14
TELEF. 1599

~ PÔRTO ~





Georges Milton,

o popular «Bouboule»,
no grande filme-cómico

○ REI DA GRAXA

a exhibir brevemente

no

AGUIA D'OURO

Distribuição da

AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA, LDA

COMENTÁRIOS...

«focados» os «grandes acontecimentos» do nosso meio cinéfilo. Como é muito possível que com a continuação da publicação desta secção venha a aparecer-nos algum descontente, desde já fazemos notar que os nossos «comentários» serão sempre feitos sem interesse de prejudicar quem quer que seja.

Um super-crítico cine-teatral, que escreve num dos diários desta cidade, referindo-se ao belo fonofilm «O Congresso que dança», descobriu nessa produção um castelo, assim como viu o Czar das Rússias a dansar na ópera.

Ora, como nós não tivemos o prazer de ver essas «coisas» no filme em questão, pedimos a algum dos nossos leitores a fineza de nos informarem se repararam nesses detalhes.

Segundo a opinião do mesmo crítico, a essência do sonoro está na luz e no movimento. E o som não fará parte também dessa essência?

Todas as pessoas que tiveram ocasião de apreciar o soberbo trabalho de Georges Milton em «O Rei



NANCY CARROLL, segundo noticiam algumas revistas, vai ser dispensada pela «Paramount»

é o título de uma nova secção que *Invicta-Cine* vai publicar semanalmente, na qual serão

dos Borlistas» esperam com ansiedade o super-filme «O Rei da Graxa», que em Lisboa tem obtido enorme sucesso.

Pelo menos, todos os engraxadores do nosso burgo vão procurar aprender qualquer coisa de novo no seu «metier». Espera-se, pois, dentro em breve que as «engraixadelas à Milton» tenham enorme cotação no mercado.

O filme «Mata Hari» vai emfim apresentar-nos uma Greta Garbo fora do vulgar, pois a grande estrela sueca interpreta o papel da trágica bailarina-espia.

Os seus admiradores vão ter ocasião de colhêr argumentos com que possam rebater as insinuações dos partidários de Marlene Dietrich.

O filme em referência exige por vezes que Greta apareça em algumas cenas onde o nudismo impera. Vamos, por conseguinte, ter ensejo de constatar que tudo quanto se tem dito sobre a relutância de Greta Garbo mostrar o seu corpo divino é absolutamente destituído de fundamento. Regosijai-vos, admiradores da Greta, pois se não é tudo quanto desejaríeis, já é alguma coisa...

Pelas produções germânicas que temos visto, constata-se que os filmes alemães estão a usufruir uma superioridade marcante.

Esperemos agora que os franceses nos apresentem «Viva a Liberdade!» e «O Rei da Graxa» para podermos formular uma opinião segura quanto aos seus progressos.

Dos americanos não vale a pena falar, pois parece que adormeceram ultimamente.

Neste século de comodismo e indiferença, é justo realçar o trabalho inteligente, seja ele de quem fôr.

O cinema AGUIA D'OURO, quando estreia produções de classe, costuma sempre reclamar o filme por intermédio de taboetas luminosas colocadas na sua fechada. Ainda este último réclame ao «O Congresso que dança» surpreendeu pelo seu bom gosto e quantidade de luz que projectava sobre a Praça da Batalha. Este exemplo, que no Pôrto é único, devia ser imitado por todas as empresas congêneres, pois revela uma enorme vontade de apresentar ao público as suas organizações de forma atraente.

É voz corrente que a «Paramount» se tem mostrado pouco satisfeita com o resultado financeiro que algumas das suas «grandes» produções têm obtido nesta cidade.

Não desanimem, pois a seguir à tempestade ha-de vir a bonança... a não ser que não queiram.

Olho de Lince.

DAVIDA CINEGRATICA

Mais duas palavrinhas sôbre DZIGA-VERTOV

(para o sr. Juliano Ribeiro
fazer o favor de ler)

Dziga-Vertov, que não conta mais de trinta e três anos de idade, é já autor de cinquenta filmes, todos realizados depois da revolução de Outubro, e dentre os quais citamos *A história dum bocado de pão*, *O sexto do globo* e *O Décimo primeiro ano*, como os mais notáveis.

Em 1920 o jovem encenador fundou o grupo «Ciné-Olho» que, com o filme *Entusiasmo*, acaba de se transformar em «Rádio-Olho».

O «ciné-olho», dizia Vertov, é a explicação cinematográfica documentária do mundo visível, linguagem cinematográfica a cem por cento.

O seu grupo ia para a cidade ou para o campo e aí filmava o que parecia mais interessante, graças a diversos processos permitindo filmar *sem misse-en-scène prévia* (dissimulação da câmara de filmar, «tomadas de vistas» súbitas ou de surpresa, etc.).

Assim, Dziga-Vertov foi um dos primeiros a pensar utilizar o documentário tirado da vida. Numa época em que os outros se limitavam a «fotografar a vida», em que o cinema não era ainda mais do que uma arte estática, êle teve o mérito de edificar uma teoria audaciosa cuja influência sôbre o jovem cinema russo, sobretudo, foi considerável.

Filmando *sem preocupação artística, sem ideia preconcebida de composição*, Vertov estabeleceu, todavia, com os materiais obtidos pelo seu método, um edificio que, por ser um pouco desprovido de subtilidade, nem por isso deixa de ser duma notável qualidade.

Por aí, diferencia-se dêsse outro grande artista do cinema soviético: Poudovkine, que crê mais nas qualidades dos actores de que dispõe, do que na fidelidade da sua objectiva. Mas aproxima-se de Eisenstein, que, na sua obra, procura fazer esquecer tudo o que é fictício (estúdio, personalidade dos actores, elementos do décor, etc.).

Para Vertov a expressão dada pela simples natureza dum objecto registado pela câmara basta para «fazer cinema».

Jean Richard («Cinéa»).

«Dziga-Vertov trabalha sem cenário, sem estudio, sem actores. Ele capta a vida na sua jonte e o único elemento de «trucagem» artístico que admite é a montagem.»

(da *Cinéa* — 1932).

Uma das boas Quando há anos se montava uma cena do filme «A vida privada de Helena de Troia», o director pediu que na mesma fossem colocados dois bustos: um representando Mercúrio e outro Vénus de Milo.

No dia seguinte, quando se preparavam para filmar, o director notou que faltava a estatueta de Vénus e, voltando-se para o seu assistente, fez-lhe sentir essa falta. O homenzinho, com a maior ingenuidade deste mundo, respondeu que não tinha colocado em cena a estatueta em questão visto que ela tinha os braços partidos... E, no fundo, tinha razão...

◊

O regresso de Clara Bow Como oportunamente noticiamos, Clara Bow foi contratada pela Universal para desempenhar o principal papel de «Get the Woman». Clarinha receberá, pelo seu trabalho nessa produção, a soma de 150.000 dollars.

Embora a insinuante estrêla fôsse, artisticamente, bastante prejudicada pela empresa para a qual trabalhou durante alguns anos, a verdade é que não faltaram empresas cinematográficas e teatrais a propor-lhe vantajosos contratos. Uma das ofertas foi feita pelo famoso empresário do «Ziegfeld».

Madge Evans

(Continuado da pág. 9)

Os seus dias na tela pertenciam a um passado remoto, do qual apenas conservava recordações... e o cinema moderno, com microfones, máquina pancromática, maquiagem e possantes reflectores era para a jovem artista um mundo inteiramente novo. O seu primeiro filme foi «THE SON OF INDIA» com Ramon Navarro, e a êste se seguiu «SPORTING BLOOD» e «GUILTY HANDS». Madge conquistou em poucos dias aquele «mundo novo do cinema»: Clark Gable, galã do seu segundo filme, mostrava-se deleitado com a sua heroína; Navarro não se cansava de elogiar os seus méritos; Lionel Barrymore parecia encantado com ela; e os electricistas, técnicos e directores em geral, enchiam-na de elogios. O público aplaudiu-a entusiasticamente, e todos lhes prognosticam para breve a ascensão ao firmamento estrelado.

Orlita Lage.



Lageo

CABELEIREIRO DE SENHORAS

R. Sá da Bandeira, 3

(Junto aos Congregados)

ELEVADOR PARA TODOS OS ANDARES

Telefone, 833 — PORTO

Guidita—Pôrto—Que romântica, que poética, que doce, que lambida que vinha a sua última carta! Nem parecia uma carta, parecia um caramelo... E quantas palavras caras! Isso são influências da prosa do seu apaixonado ou quê? Então não a levaram a ver *O Congresso que dança?* Que marôtos! Isso é lá coisa que se faça!... Foi pena, sabe? Vinha a propósito cantar: *Ce n'est qu'un rêve, un joli rêve, beaucoup trop beau pour être vrai...* Mas é melhor não falar nisso... Dê-me sempre notícias suas.



O homem dos penduricalhos —

Pôrto — Dos quê? Dos penduricalhos?! Que diabo de pseudônimo!... Pois olhe eu não sou da sua opinião. Gostei muito de Janet Gaynor em *O Papá das pernas altas*, sobretudo na primeira metade do filme. Annabela é quase parisiense cem por cento, e digo quase porque nasceu na Varenne-St-Hilaire (arredores de Paris). Tem já uma carreira cinematográfica bastante longa. A primeira vez que a vi foi no filme de Gance *Napoléon*. Depois desse, entrou em muitos filmes: *Maldone, Trois jeunes filles nues, O Milhão, Uma noite de rusga* (que ainda vim há pouco tempo), *Son Atesse l'amour, Em redor dum inquérito*, etc.

Futuro «astro» — Lisboa — Perca as asperanças, amigo e... não perca o emprego por causa do cinema. Olhe que é um conselho de amigo, creia-me. Não estou autorizado a dar-lhe a direcção particular de Leitão de Barros. Tomara êle que o deixassem em paz!... Porque é que Vocês, que só pensam em «ir para o cinema», não juntam um grupo de amigos, rapazes e raparigas, não compram uma máquina de filmar «Pathé Baby» ou «Fílmo» e não se resolvem a fazer fitas, com o vosso dinheiro, a vossa habilidade e a vossa paciência? Olhem que o cinema de amadores, para quem tem tempo disponível para a êle se dedicar, é uma coisa muito interessante.

Marieta — Pôrto — Osso é o nome dum produtor cinematográfico francês. Gary Cooper já é crescidinho, deve andar pelos trinta. Escreva-lhe para os «Paramount Publix Studios» Hollywood, Califórnia, U. S. A. Dê-me mais vezes o prazer da sua visita, gentil Marieta.

Cinéfilo debutante — Pôrto — Também não gostei lá muito do *Brasil maravilhoso*. Não pude ver o outro filme a que se refere. Pergunta-me Você o que é feito de Germaine Dulac. Creio que está vivinha a saltar visto que li há dias, num jornal francês, que ia realizar um filme documentário intitulado *O Invisível Deus*. Esse caso que me fez notar é bastante vulgar em Portugal, por isso não devemos estranhar nada... Compreende não é assim?

D. Juan irresistível — Pôrto — Gaba-te cesta... Então causou-lhe tanto espanto que o amor entrase pela janela, nesse filme da Jeanette Mac Donald? O amor entra por onde calha... às vezes até entra pela caixa do correio... No número passado já deve ter lido o que se disse dessa fita. Como viu, concordamos com a sua opinião.

Na boca não? Mas porque não? — Lisboa — Isso é conforme os gostos. Quem não quiser dar na bôca, dá mesmo noutra sítio... Ainda não vi o filme que lhe sugeriu o pseudônimo, porisso não lhe posso responder com conhecimento de causa. Volte a escrever. Depois lhe direi.

Armor — Pôrto — Não sei a que filme se quiere referir. Veja se consegue ser um bocadinho mais claro.

Frederico Guilherme Seitz — Gaia — Ora viva o meu velho amigo! Até que enfim o volto a ver por aqui. Seja bem vindo. Essa história das meninas que estavam a seu lado quando viu o *Congresso* é curiosa. Olhe se elas em vez de lhe darem por engano o postal, lhe davam outra coisa... também por engano!...

Sim senhor, o general Bibikoff era o nosso impagável Armand Bernard. Até pela voz se

conhecia que era êle. Você estava a pensar nas tais meninas e nem prestou a atenção devida ao filme... Veja lá, então, se convosse essa sua amiguinha a entrar para a «minha família». Terei com isso um grande prazer. Obrigado pelo abraço e até breve.

Laurinda Leite — Pôrto — Ora até que enfim Você deixou de usar pseudônimos... pouco próprios. Assim está mais bonita. Não sei o número do telefone que Você quiere, nunca soube. Maurice Chevalier está na Paramount New York Studio, Long Island City (N. Y.), U. S. A. E' conveniente mandar dinheiro e pelo menos vinte e cinco centimos americanos. Mas como o dollar está a trinta e um escudos, o mais prático é ir a uma papelaria qualquer e comprar por um escudo um postal com o retrato do «Smiling Lieutenant». Os beijos foram entregues pessoalmente. Pode mandar mais...

Curioso — Pôrto — Nessa linda cena do *Congresso* que *Dansa* o microfone deve ir escondido na frente de Lilian Harvey, dentro da própria carruagem. Veem-se até os fios que o ligam ao resto da aparelhagem, não sei se Você chegou a notar. Lilian Harvey, mora em Ahornallee, 16, Berlím-Westend, Alemanha.

Manuel Fontes — Bragança — A Direcção pede-me que lhe comunique que a sua proposta não interessa, mas que, todavia, agradece os seus bons desejos.

Zinom — Ponta Delgada — É deveras lamentável o que me conta sobre a exhibição de *O Prémio de Beleza* na sua terra. Porque é que Vocês não fazem como os cinéfilos da Covilhã que fizeram a «greve do cinema» e conseguiram assim que o cinema local montasse aparelhagem para exhibição de filmes sonoros?

Amok.

Nos bastidores de Hollywood

(Continuado da pág. 3)

A solidariedade de toda essa pobre gente é verdadeiramente tocante. Poderia talvez recuperar-se a fé na humanidade, observando êsses desgraçados que se amparam mutuamente, tanto na miséria como na sua esperança, embora às vezes nem sequer os una o laço duma língua comum.

E' a Hollywood que é preciso ir, para aprender a esperar, no meio desta multidão de «iluminados», a perseguirem infatigavelmente a sua sorte, animados por uma esperança tenaz, esperança que se realiza para um só, entre quarenta mil, e que precipita todos os outros num abismo, de onde não ha salvação possível.»

(do «New Freie Presse».)

FOTOGRAFIA GUEDES

O MAIS COMPLETO ATELIER FOTOGRÁFICO

NEVES GUIMARÃES

346, Rua Santa Catarina, 350. Telef. 2680

A g u i a d ' O u r o

a p r e s e n t a
na próxima semana

Alice Day
Nick Lucas
Viola Dana
Sally Blane
Noah Beery
Myrna Loy
Monte Blue
Alice White
Ben Turpin
Lupine Lane
Molly O'Day
H. B. Warner
Marion Nixon
Luísa Fazenda
Tully Marshall
Helene Costello
Betty Compson
Dolores Costello
John Barrymore
Patsy Ruth Miller
Georges Carpentier
Richard Barthelmess
Douglas Fairbanks Jr.
e o famoso cão Rin Tin Tin

e m

A Revista das Revistas

Castelo Lopes, L.^{da}

A firma detentora dos melhores filmes
europeus e americanos

**apresenta na próxima
segunda-feira no**

Agua d'Ouro

o surpreendente fonofilme
cheio de alegria e mocidade

À Revista das Revistas

no qual vemos o maior conjunto de
“estrelas,, até hoje reunidas

e

O LOBO DA CALIFÓRNIA

com o célebre “COW-BOY,,

Ken Maynard